

CAPÍTULO 2

LEITURA ASTROLÓGICA DE LILITH COMO FERRAMENTA DE INTEGRAÇÃO PSÍQUICA E SOCIAL NA PERSPECTIVA JUNGUIANA¹

Cristiane Brum Bernardes

Jornalista, Especialista em Psicologia Junguiana (IJEP/Paulus), Mestra em Comunicação e Informação (UFRGS), Doutora em Ciência Política (IESP/UERJ). Astróloga formada pela UNIPAZ-DF, pela Escola de Astrologia de Brasília e pela Mercury Internet School of Psychological Astrology (MISPA), de Londres. Mantém o blog *Crônicas Uranianas*, assim como os perfis com o mesmo nome nas redes sociais. Pesquisadora de Gênero e Política; Gênero e Psicologia Analítica; Comunicação e Política.



RESUMO: O objetivo deste capítulo é analisar a leitura astrológica do símbolo de Lilith como uma estratégia para integração psíquica do feminino e do masculino. A partir da reflexão sobre os conceitos de arquétipo, inconsciente coletivo, complexo, projeção, persona, sombra, Anima e Animus, formulados dentro do arcabouço junguiano, argumenta-se que a desarmonia entre feminino e masculino é um causa importante para o fenômeno contemporâneo da violência de gênero, bem como uma série de sintomas e problemas de relacionamentos decorrentes dele. A recuperação histórica do percurso interpretativo desenvolvido astrológicamente sobre Lilith mostra como as culturas patriarcais colaboraram para a repressão e a negação de elementos fundamentais da psique humana, relacionados principalmente com sua expressão sexual e criativa. Nesse sentido, reelaborar o símbolo de Lilith dentro da Astrologia Psicológica consiste em reconhecer as tensões básicas que nos conformam e reconstruir o lugar do feminino em nós, individual e socialmente.

PALAVRAS-CHAVE: Uso simbólico da Mitologia; Simbologia Astrológica;

¹ Este capítulo é uma versão revisada do Trabalho de Conclusão de Curso apresentado pela autora em 2022 na Especialização em Psicologia Junguiana do Instituto Junguiano de Estudos e Pesquisas (IJEP/Paulus).

1 | INTRODUÇÃO

O tema deste capítulo surge de uma reflexão pessoal sistemática sobre a temática do feminino iniciada intuitivamente em 2015, quando ingressei no curso de Formação em Astrologia da Unipaz-DF, em Brasília, mas também se conecta com preocupações profissionais e políticas exacerbadas pelo contexto social e político da última década. Apesar de fazer psicoterapia desde 2008, travei contato com os escritos de Jung e sua releitura por astrólogos ao ter meu interesse direcionado para a Astrologia Psicológica, vertente criada no século XX.

Ao conhecer o símbolo astrológico de Lilith percebi que havia encontrado uma imagem suficientemente poderosa para explicar uma série de percepções sobre o meu relacionamento com o feminino e sobre temas que sempre me provocaram reflexões políticas: o feminismo, o machismo, a desigualdade de gênero, a violência contra mulheres etc. Astrologicamente, Lilith é o ponto focal vazio da elíptica que a Lua descreve em torno da Terra quando atinge o seu apogeu, isto é, quando está mais distante do planeta. Quando falamos de Lilith – Lua Negra na astrologia, portanto, estamos nos referindo a uma relação entre dois corpos celestes simbolicamente identificados com o feminino – a Terra e a Lua.

As imagens suscitadas pelo símbolo resultaram em um trabalho de pesquisa astrológica sobre a relação entre Saturno e Lilith como representações da sombra psíquica (Bernardes, 2019a). Contudo, para além do entrecruzamento de meus percursos acadêmico e pessoal de autoconhecimento, ressalto o papel do debate de gênero no contexto político e social contemporâneo. Autores de diversas áreas do conhecimento apontam para a centralidade do tema na polarização política contemporânea (Bourdieu, 2010; Lacerda, 2019; Puwar, 2004). No Brasil, a Lei 13104/15, que instituiu a figura do feminicídio no Código Penal, por exemplo, é um acontecimento da última década que mostra a centralidade da temática no campo político. Aliás, os dados do projeto “Violência contra a mulher em dados”, do Instituto Patricia Galvão, dão conta que, no Brasil, uma mulher é vítima de estupro a cada 10 minutos, três mulheres são vítimas de feminicídio por dia² e 76% das mulheres já sofreram assédio e violência no ambiente de trabalho.

É importante mencionar ainda que o atravessamento por esses temas e questionamentos tomou um caráter mais coletivo quando ingressei nos estudos astrológicos. A partir do atendimento astrológico, que realizei desde 2017, pude perceber que as dificuldades que me atravessam pertencem a outras mulheres e também aos homens, para além do meu círculo de relações pessoais. A constante queixa dos clientes e sua incessante busca por explicações para seus padrões de relacionamento, especialmente

² Mais informações em: <https://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/violencia-em-dados/>

sexuais e afetivos, obrigou-me a buscar ferramentas para a compreensão mais aguçada dessas características nos símbolos astrológicos. Durante os atendimentos, passei a ver o símbolo de Lilith como um caminho não apenas para a compreensão dos processos que os clientes vivenciam, mas especialmente para a aceitação desses processos e dificuldades. Todos esses pontos, portanto, deixam clara a relevância - política, cultural, sociológica, psicológica e astrológica - do tema abordado neste estudo.

Em relação à pertinência do tema no campo da Psicologia Analítica, vários autores já analisaram questões relativas ao feminino (Cavalcanti, 1993; Hillman, 2020; Jung, E.; 2006; Neumann, 2000, 2017) e ao símbolo de Lilith (Colonna, 1980; Engelhardt, 1997; Koltuv, 2017) dentro da abordagem junguiana, como mostram vários estudos recentes (Amaral, 2020; Bins, 2024; Fernandes, 2020; Ferreira, 2020; Lopes, 2020). Bárbara Pessanha, que segue a trilha de Koltuv (2017) e Engelhardt (1997) e propõe uma compreensão da simbologia de Lilith dentro do arcabouço junguiano, destaca que “Lilith poderia ser um indivíduo com a *Imago Dei* desconectada dos conceitos externos, que respeita apenas seus valores a despeito do coletivo” (Pessanha, 2020). Nesse sentido, esta pesquisa tenta avançar no conhecimento das imagens arquetípicas conectadas ao feminino sob a visão da Psicologia Profunda.

O objetivo geral deste estudo de caráter bibliográfico é avaliar, dentro do arcabouço junguiano, a potencialidade do símbolo astrológico de Lilith para a integração psíquica. Para isso, será preciso: 1) apresentar a imagem arquetípica de Lilith a partir da conceituação junguiana; e 2) descrever o potencial integrador das dimensões do feminino/masculino do símbolo astrológico, enquanto ferramenta de autoconhecimento. A partir dessa recuperação teórica das imagens arquetípicas de feminino e masculino dentro da Astrologia Psicológica e dos escritos junguianos, refletir sobre a potencialidade do símbolo de Lilith para a integração psíquica e social dessas energias.

A pergunta essencial deste trabalho é: como a leitura astrológica de Lilith, balizada por conceitos junguianos, pode contribuir para a compreensão da relação entre feminino e masculino na psique e, portanto, para integração psíquica? Assumo a hipótese de que a simbologia astrológica da imagem arquetípica de Lilith traz uma chave para a compreensão da relação entre feminino e masculino em nosso inconsciente, servindo como ferramenta para o trabalho consciente com aspectos sombrios da psique.

Este trabalho exploratório de caráter conceitual e teórico faz uma revisão bibliográfica a partir dos escritos de Jung, a maioria deles pertencentes às *Obras Completas*³. A aplicação conceitual dos termos ao campo do conhecimento da Astrologia Psicológica será realizada com apoio na literatura de área e em observações empíricas da autora a partir da prática astrológica. Não serão usados dados pessoais de clientes, tendo em vista os imperativos éticos da pesquisa científica.

³ Daqui por diante as *Obras Completas* serão indicadas por OC, com os respectivos volumes indicados na sequência. Por exemplo, “*Psicologia do Inconsciente*” será identificada como: (OC 7/1).

O texto está estruturado em três partes, além desta Introdução e da Conclusão. Na primeira, discuto alguns conceitos básicos de Jung que têm relação com a temática abordada. O item 2 aborda a simbologia astrológica do feminino, relacionando tais símbolos com os conceitos junguianos. Por sua vez, o item 3 recupera parte dos sentidos mitológicos, históricos, culturais, psicológicos e astrológicos de Lilith para apresentá-la como instrumento para integração psíquica entre feminino e masculino.

2 | O FEMININO NA TEORIA JUNGUIANA

Antes de mergulharmos na reflexão sobre a simbologia astrológica e psicológica de Lilith e suas consequências para integração psíquica, será preciso abordar alguns conceitos básicos desenvolvidos pelo psiquiatra e psicoterapeuta suíço Carl Gustav Jung (1875-1961), além de contribuições de outros autores da Psicologia Analítica, campo de conhecimento criado por ele. Somente assim será possível compreender como a leitura astrológica de Lilith pode contribuir para o desenvolvimento da consciência sobre a imagem arquetípica do Feminino e de sua relação com o Masculino em cada um de nós.

O primeiro conceito a ser trabalhado é o de arquétipo, “o conceito mais fundamental e distintivo da Psicologia Analítica” (HOPCKE, 2012, p.23), definido por Jung como “imagens humanas universais e originárias” (OC 7/1, 2011, p.77) que se localizam em uma camada mais profunda do inconsciente, denominada por ele de “Inconsciente Coletivo” (JUNG, OC 7/1, 2011, p.77). A definição de duas camadas inconscientes, uma pessoal e uma impessoal, ou coletiva, que se relacionam de forma dinâmica em nós, é um argumento junguiano essencial para este trabalho, uma vez que permite conectar o individual com o coletivo de forma não apenas sociológica, mas também psicológica. Tópico discutido mais recentemente por autores que argumentam sobre a necessidade de integração psíquica entre masculino e feminino como demanda individual e coletiva.

A necessidade atual da humanidade de chegar a um acordo com Lilith envolve um conflito que é, ao mesmo tempo, coletivo e individual. Ele origina-se de rupturas nas relações humanas, entre homem e mulher e entre sexo e Eros, e se expressa em uma surdez opaca de sentimento e afeto característica da sociedade contemporânea. (COLONNA, 1980, p.334 – tradução nossa)⁴

Para Jung, enquanto o inconsciente pessoal é “uma camada mais ou menos superficial do inconsciente” (OC 9/1, 2014b, p.12), o inconsciente coletivo é “uma camada mais profunda, que já não tem sua origem em experiências ou aquisições pessoais, sendo inata” (JUNG, OC 9/1, 2014b, p.12). Assim, o inconsciente coletivo é composto de conteúdos universais, isto é, “idênticos em todos os seres humanos, constituindo, portanto, um substrato psíquico comum de natureza psíquica suprapessoal que existe em cada

4 Original em inglês: “The necessity today for mankind to come to terms with Lilith involves a conflict that is, at the same time, both collective and individual. It arises out of splits in human relationships, as between man and woman and between sex and Eros, and expressed in an opaque deafness of feeling and affection characteristic of contemporary society”.

indivíduo” (JUNG, OC 9/1, 2014b, p.12). Estes conteúdos universais compostos de “tipos arcaicos – ou melhor – primordiais, isto é, de imagens universais que existiram desde os tempos mais remotos” (JUNG, OC 9/1, 2014b, p.13) são os arquétipos. Interessante mencionar que o termo não foi criado por Jung, ele próprio informando que a palavra já havia sido usada desde a antiguidade por autores como Hermes Trimegisto, Dionísio Areopagita, Filo Judeu ou Irineu.

Tais tipos arcaicos ou formas universais, “imagens primordiais” ou “caminhos virtuais herdados” (JUNG, OC 7/2, 2015d, p.26) são, para a psique, o que os instintos são para o corpo, isto é, “representações coletivas”, no termo de Levy-Brühl citado por Jung (OC 9/1, 2014b, p.13 e 52), motivos psíquicos preexistentes e herdados.

Os instintos são, entretanto, fatores impessoais, universalmente difundidos e hereditários, de caráter mobilizador, que muitas vezes se encontram tão afastados do limiar da consciência, que a moderna psicoterapia se vê diante da tarefa de ajudar o paciente a tomar consciência dos mesmos. Além disso, os instintos não são vagos e indeterminados por sua natureza, mas forças motrizes especificamente formadas, que perseguem suas metas inerentes antes de toda conscientização, independendo do grau de consciência. Por isso eles são analogias rigorosas dos arquétipos, tão rigorosas que há boas razões para supormos que os arquétipos sejam imagens inconscientes dos próprios instintos; em outras palavras, representam o *modelo básico do comportamento instintivo*. (JUNG, OC 9/1, 2014b, p.52-53 – grifo no original)

A caracterização do conceito de inconsciente para incluir o coletivo como um fator importante para a análise psicológica demonstra a preocupação de Jung com o ambiente social e as influências que o contexto sócio-histórico exerce sobre os indivíduos. Chama a atenção, nesse sentido, um trecho do prefácio à Primeira Edição de *Psicologia do Inconsciente*, escrito em 1912 e reescrito em 1916, durante a Primeira Guerra Mundial, no qual Jung afirma que o “homem civilizado ainda é um bárbaro” (OC 7/1, 2011 [1916], p.10), a julgar pelos acontecimentos da época: “A psicologia do indivíduo corresponde à psicologia das nações. As nações fazem exatamente o que cada um faz individualmente; e do modo como o indivíduo age, a nação também agirá” (JUNG, OC 7/1, 2011, p.10 - grifos no original). Essa base de significados coletiva e compartilhada dos arquétipos, de caráter mitológico, é central para a linguagem astrológica e, por isso, um ponto essencial para compreensão deste trabalho.

Um aspecto importante, contudo, é a diferenciação entre arquétipos, as formas coletivas “inefáveis”, e as imagens arquetípicas, ou representações pessoais a que temos acesso em nossa psique individual. Assim, a definição junguiana dos arquétipos como “padrões de comportamento” traz clareza ao ponto, uma vez que eles se manifestam empiricamente nos sujeitos humanos por meio das imagens arquetípicas que provocam efeitos.

Como diz a própria definição, os arquétipos são fatores e temas que agruparam os elementos psíquicos em determinadas imagens (que denominamos

arquetípicas), mas de um modo que só pode ser conhecido pelos seus efeitos. Os arquétipos são anteriores à consciência e, provavelmente, são eles que formam as dominantes estruturais da psique em geral, assemelhando-se ao sistema axial dos cristais que existe em potência na água-mãe, mas não é diretamente perceptível pela observação. Como condições a priori, os arquétipos representam o caso psíquico especial do *“pattern of behaviour”* [esquema de comportamento], familiar aos biólogos e que confere a cada ser vivente a sua natureza específica. Assim como as manifestações deste plano biológico fundamental podem variar no decurso da evolução, o mesmo ocorre com as manifestações dos arquétipos. Do ponto de vista empírico, contudo, o arquétipo jamais se forma no interior da vida orgânica em geral. Ele aparece ao mesmo tempo que a vida. (JUNG, OC 11/2, 2013c, p.70, nota de rodapé 2)

Assim, quaisquer conteúdos ou figuras do inconsciente coletivo que nos cheguem individualmente por meio de imagens arquetípicas sempre serão confrontados com a nossa psique pessoal, diferenciando-se dela (JUNG, OC 7/1, 2011). Em outras palavras, todos temos em nós os demônios, feiticeiras e toda sorte de criaturas que habitam ou já habitaram historicamente o inconsciente coletivo. Porém, tais figuras arquetípicas serão dotadas de sentido a partir de nossa experiência pessoal. Sendo assim, o arquétipo da Grande Mãe, por exemplo, será materializado em nossa psique a partir de uma imagem específica produzida com base em nossas vivências e em nosso desenvolvimento psíquico. Todos temos em nós o arquétipo, mas ele só pode ser acessado indiretamente por meio da imagem arquetípica produzida em cada um. Arquétipos, portanto, são grandes núcleos temáticos que organizam a experiência coletiva e as imagens associativas dentro do nosso inconsciente pessoal.

O processo é explicado por Jung ao falar de como os deuses e os demônios, considerados realidades indiscutíveis para os primitivos, tiveram sua existência real negada a partir do Iluminismo, quando começamos a considerá-los como “projeções da alma, como conteúdos do inconsciente” (JUNG, OC 7/1, 2011, p.106). Assim, os deuses passam a conformar as imagens associativas psíquicas que, na teoria junguiana, são chamadas de “complexos”.

Como explica Hopcke, os conceitos de arquétipo, inconsciente coletivo e complexo estão estreitamente ligados na concepção junguiana. O complexo é um “grupo de representações psíquicas e o sentimento característico ligado a esse grupo de representações” (2012, p. 28). Nas palavras do próprio Jung, “os complexos, com efeito, constituem as verdadeiras unidades vivas da psique inconsciente, cuja existência e constituição só podemos deduzir através deles” (JUNG, OC 8/2, 2014a, p.43). De forma breve, o complexo é um fator psíquico que questiona a unidade da psique ou a supremacia da vontade humana frente ao inconsciente, pois tem um valor energético que supera as nossas intenções conscientes (JUNG, OC 8/2, 2014a, p.36-37).

O que é, portanto, cientificamente falando, um “complexo afetivo”? É a imagem de uma determinada situação psíquica de forte carga emocional e, além disso, incompatível com as disposições ou atitude habitual da

consciência. Esta imagem é dotada de poderosa coerência interior e tem sua totalidade própria e goza de um grau relativamente elevado de autonomia, vale dizer: está sujeita ao controle das disposições da consciência até um certo limite e, por isto, comporta-se, na esfera do consciente, como um *corpus alienum* (corpo estranho), animado de vida própria. Com algum esforço de vontade, pode-se, em geral, reprimir o complexo, mas é impossível negar sua existência, e na primeira ocasião favorável ele volta à tona com toda a sua força original. (JUNG, OC 8/2, 2014a, p.37)

Nesse sentido, o complexo é um “conteúdo emocional constituído de um elemento nuclear e de uma grande quantidade de associações consteladas secundariamente” (JUNG, OC 8/1, 2013a, p.21) em torno dos quais gravitam outros conteúdos. O complexo é dotado de tensão ou energia própria, isto é, “tem a tendência de formar, também por conta própria, uma pequena personalidade” (JUNG, OC 18/1, 2015a, p. 87). “Apresenta uma espécie de corpo e uma determinada quantidade de fisiologia própria, podendo perturbar o coração, o estômago, a pele. Comporta-se, enfim, como uma personalidade parcial.” (JUNG, OC 18/1, 2015a, p.87).

Em outro trecho, Jung diferencia os “complexos sociais de caráter arquetípico” dos “complexos pessoais”, mencionando a grande carga energética de ambas as manifestações e o sentimento de “numinosidade” ou fascinação que emana delas. Porém, enquanto as primeiras criam “mitos, religiões e ideias filosóficas que marcam nações e épocas inteiras”, as segundas “nunca produzem mais do que um embalo pessoal” (JUNG, OC 18/1, 2015a, p.262-263). Prossegue o autor em sua diferenciação ao mencionar que os complexos sociais são sentidos como estranhos, “ vindos de fora”, enquanto os conteúdos do inconsciente pessoal “são sentidos como fazendo parte da própria alma do indivíduo” (JUNG, OC 8/2, 2014a, p.312).

A experiência trazida pelos complexos, e sua conexão com os arquétipos, pode servir para a ampliação da consciência do sujeito, por meio de um trabalho simbólico com as imagens arquetípicas. Para aprofundar a reflexão sobre esse processo, é importante analisar o conceito de projeção, relacionando-o com o feminino e o masculino como dimensões complementares de nossa psique.

Em sua conceituação dos arquétipos como imagens primordiais típicas do ser humano que não são transmitidas culturalmente, mas aparecem espontaneamente em qualquer tempo ou lugar, Jung (OC 9/1, 2014b, p.86) explica que tais formas arcaicas quase sempre se apresentam como “projeções” de conteúdos inconscientes em objetos externos: pessoas, lugares ou coisas.

Devido ao seu parentesco com as coisas físicas, os arquétipos quase sempre se apresentam em forma de projeções, e quando estas são inconscientes, manifestam-se nas pessoas com quem se convive, subestimando ou sobre-estimando-as, provocando desentendimentos, discórdias, fanatismos e loucuras de todo tipo. Não é outra a razão pela qual se diz que “fulano endeusou sicrano” ou “fulano de tal é a ‘bête noire’ de X”. (...) Pois bem, se alguém projeta o diabo no outro, é porque essa pessoa tem algo em si que

possibilita a fixação da imagem. Mas nem por isso essa pessoa tem que ser um diabo. Muito pelo contrário. Pode até ser uma pessoa boníssima, mas é incompatível com a pessoa que projeta, o que tem sobre elas um efeito “diabólico” (isto é, separador). (...) O diabo é uma variante do arquétipo da sombra, isto é, do aspecto perigoso da metade obscura, não reconhecida pela pessoa. (JUNG, OC 7/1, 2011, p.108).

Mas o que é uma projeção? Para Jung, é “um mecanismo psicológico geral que carrega conteúdos subjetivos de toda espécie sobre o objeto” (JUNG, OC 18/1, 2015a, p.154-155). Em outros termos, é o processo pelo qual atribuímos a um objeto externo (coisas, acontecimentos, pessoas, relações etc.) conteúdos, características ou problemas que não existem no objeto em si mesmo, mas dentro de nossa psique. Jung explica que a projeção não pode ser controlada ou prevista, ou seja, nunca é um ato voluntário, porque constitui um processo psíquico espontâneo, do qual apenas nos damos conta a posteriori.

Mecanismo inconsciente e automático, apenas detectado pela consciência quando já se desfez, a projeção abarca qualquer tipo de conteúdo psíquico, desde que haja uma emoção conectada a ele. Sendo compulsória, isto é, incontrolável pela consciência, em geral, se dá entre duas pessoas, mas também pode conectar o sujeito a um objeto material, como coisas e animais. A questão da projeção, segundo Jung, é que a emoção é “sempre, em algum grau, avassaladora para o sujeito, porque é uma condição involuntária, que desvia as intenções do eu. Além de tudo, ela adere ao sujeito, que não consegue desvincilar-se” (JUNG, OC 18/1, 2015a, p.156).

Sendo a projeção um mecanismo psíquico espontâneo, dotado de grande carga emocional, podemos concluir que ela está presente em todas as relações humanas carregadas de afeto, sejam de amor ou de ódio, de atração ou de repulsa, de colaboração ou de competição. O ponto, portanto, é que os afetos relacionados aos nossos complexos podem ser facilmente projetados nos outros. Quando não temos consciência dos nossos padrões internos, mais facilmente geramos uma projeção que nos produz fascinação ou negação. Ou queremos nos relacionar ardente com aquilo nos outros, ou queremos destruir aquilo nas outras pessoas, por não o suportar em nós mesmos.

Nesse sentido, é preciso assumir que o Eu consciente é apenas uma parte da psique humana, fato comprovado por fenômenos diversos relacionados às figuras que nos habitam “em regiões da alma externas à consciência do eu, e que não apenas os sonhos, mas muitas outras aparições e sintomas devem ser atribuídos aos conteúdos e atividades aí existentes” (JUNG, E., 2006, p.14). Essas figuras, quando míticas e relacionadas a motivos universais, são as imagens arquetípicas que carregamos e vamos atualizando em nós, além de projetá-las nos outros. A presença dessas imagens ou figuras é uma forma indireta de acesso ao arquétipo e consiste na única possibilidade de contato com esses conteúdos do inconsciente coletivo no nível humano individual. O arquétipo, portanto, é imutável, atemporal, associal, pois é uma forma vazia. O que muda de acordo com o tempo e o lugar são as imagens arquetípicas que adotamos. O nosso modo de lidar com os

arquétipos vai se modificando com o tempo, assim como as representações arquetípicas se modificam em cada sociedade.

O trabalho da Astrologia, especialmente em sua vertente Psicológica, consiste, basicamente, na apresentação de imagens arquetípicas acumuladas pela humanidade – representadas por signos, planetas, casas e aspectos – para os clientes, a fim de que eles possam relacioná-las com os processos de sua própria psique, isto é, com seus complexos e as imagens arquetípicas associadas a eles. Nesse sentido, a Astrologia é apenas uma entre tantas estratégias criadas por nós, humanos, para entrarmos em contato com esses conteúdos arquetípicos, projetados desde sempre no Céu, na Terra, nos planetas e nos seres cósmicos, bem como nos demais seres humanos. Uma técnica de autoconhecimento, portanto.

Entre essas figuras arquetípicas, duas têm grande significado, pois constroem “uma espécie de elo de ligação ou ponte entre o pessoal e impessoal, bem como entre o consciente e o inconsciente” (JUNG, E., 2006, p.15). São elas o Animus e a Anima, representações do masculino e do feminino arquetípico, respectivamente.

Estas duas figuras – uma é masculina, a outra feminina – foram denominadas de *animus* e *anima* por Jung. Ele entende aí um complexo funcional que se comporta de forma compensatória em relação à personalidade externa, de certo modo uma personalidade interna que apresenta aquelas propriedades que faltam à personalidade externa, consciente e manifesta. (JUNG, E., 2006, p.15)

Anima e Animus são arquétipos, segundo Emma Jung (2006), que trazem características “que normalmente estão sempre presentes em determinada medida, mas que são incômodas para a adaptação externa ou para o ideal existente, não encontrando espaço algum no ser voltado para o exterior” (JUNG, E., 2006, p.15-16). Ora, em outras palavras, são características que relegamos à Sombra, que reprimimos ou desconhecemos em nós, e que compensam a atitude consciente da Persona desenvolvida para nossa adaptação ao mundo exterior.

Antes de prosseguir, cabe um esclarecimento conceitual sobre o par de opositos definido como Persona-Sombra na Teoria Junguiana. Enquanto a primeira consiste na imagem externa, “parte da personalidade desenvolvida e usada em nossas interações, nossa face externa consciente” (HOPCKE, 2012, p.100), espécie de personagem ou máscara baseada nos papéis sociais atribuídos a nós, e que nos possibilita a adaptação social ao mundo, a segunda forma-se a partir da repressão, negação, e ignorância sobre os nossos próprios processos internos psíquicos, tais como emoções, sentimentos, medos e limites, “nossas inferioridades, nossos impulsos inaceitáveis, nossos atos e desejos vergonhosos” (HOPCKE, 2012, p.95).

Ambas são constituídas com base em nossas características pessoais, em relação ao ambiente familiar, vivências, experiências, relacionamentos e ao contexto social e

histórico mais amplo. Assim, se a Persona é exaltada em nossa convivência por sua função socializadora, a Sombra é relegada à obscuridade, sendo constituída por tudo aquilo que achamos inaceitável, feio e negativo em nós, ou que nos causa vergonha e medo da rejeição. Porém, se a Persona serve para nossa relação com o mundo externo e coletivo, cabe à Sombra permitir nossa relação com o mundo interno do inconsciente pessoal e, também, do coletivo (MAGALDI, S., 2020).

Outro ponto importante é que Jung descreve a psique humana como um objeto que só pode ser apreendido por meio de antinomias, conceito filosófico que exprime um conflito, uma oposição, uma tensão constitutiva entre duas afirmações. Sendo assim, sua teoria está alicerçada nos pares de opostos que constituem a psique, começando por consciente/inconsciente. Como ele próprio define,

(...) o si-mesmo psicológico é um conceito transcendente, pelo fato de exprimir a soma dos conteúdos conscientes e inconscientes, ele só pode ser descrito sob a forma de uma antinomia, isto é, os atributos acima mencionados devem ser completados por seus respectivos contrários, para que possam caracterizar devidamente o fato transcendental (JUNG, OC 9/2, 2015b, p.85-86).

Anima e Animus são arquétipos do Inconsciente Coletivo atualizados cotidianamente em nosso Inconsciente Pessoal por meio de imagens arquetípicas e, muito seguidamente, projetados nas outras pessoas. Segundo a teorização original de Jung, o homem teria uma Anima, isto é, uma imagem interna do feminino em si, enquanto a mulher teria um Animus, ou uma imagem interna correspondente ao masculino, compensatórias para suas Personas identificadas com seus caracteres sexuais fisiológicos.

Como explica Hopcke (2012), é preciso considerar que Jung escreve em uma época na qual os papéis sociais de homens e mulheres eram unilateralmente definidos. E ele próprio admite que tais conceitos trazem em si as imagens coletivas de masculinidade e feminilidade construídas até então. E, por isso mesmo, unilaterais, o que poderia ser a causa de muitos sintomas e problemas vivenciados coletivamente. Hopcke (2012) lembra ainda que as definições de Jung também mencionam dois princípios eternos e abstratos do comportamento humano que não residem em um gênero ou no outro, nem são relacionados intrinsecamente ao sexo anatômico de um ser humano. Assim, o Eros é o princípio feminino do relacionamento, enquanto o Logos é o princípio masculino do conhecimento (HOPCKE, 2012, p.56).

Contemporaneamente, alguns autores têm questionado a configuração tradicional e as características conceituais atribuídas a Anima/Animus (AMARAL, 2020; COLLONA, 1980; COWAN, 2021), especialmente a partir de um olhar feminino e feminista sobre a Psicologia Analítica. Rowland (2002), por exemplo, afirma que Anima e Animus não podem ser relacionados aos gêneros, uma vez que habitam o inconsciente androgino. Não pretendo adentrar na teorização sobre gênero e sua multiplicidade conceitual, tema suficiente para

um estudo completo. O ponto é considerar que temos imagens arquetípicas relacionadas ao que se convencionou chamar de Feminino e de Masculino – e que poderíamos identificar com os nomes Eros ou Yin (caos) e Logos ou Yang (ordem), conforme outras tradições culturais de pensamento – que descrevem um conjunto de características humanas que podem ser identificadas com a Persona ou com a Sombra (Anima/Animus), aparecendo de forma complementar dentro do que Jung classificou como “pares de opostos”. Assim, se alguém se identifica com as características do Masculino, adotando-as para construir sua Persona, pode relegar à Sombra, isto é, ao inconsciente, tudo aquilo considerado um componente do Feminino, e vice-versa. Quanto mais forte a repressão desses traços opostos ao inconsciente, isto é, quanto menos eles forem aceitos conscientemente como partes do Eu, mais facilmente essa Anima ou Animus serão projetados em outras pessoas, provocando repulsa ou fascinação.

Como explica Jung, “a sizígia masculino-feminino é apenas um dos possíveis pares de opostos, mas na prática é um dos mais importantes e frequentes” (OC 9/1, 2014b, p.79). Na vida cotidiana, especialmente nas experiências amorosas, a psicologia do arquétipo da Anima manifesta-se como “fascinação sem limites”, “supervalorização e ofuscamento” ou “sob a forma de misoginia em todos os seus graus e variantes, que não se explicam de modo algum pela natureza dos ‘objetos’ em questão” (JUNG, OC 9/1, 2014b, p.79). Importante lembrar que a Anima atuará em pessoas cuja Persona e o eu consciente estiverem muito identificados com aspectos do masculino. Sendo uma figura feminina, a Anima traz consigo características que também foram atribuídas ao Inconsciente, tais como: mistério, incerteza, caos, dinamicidade, irracionalidade etc. Interessante lembrar que nas culturas orientais o termo Yin, identificado no Ocidente com o feminino, traz em si mesmo a concepção do Caos em oposição à Ordem, representada por Yang – associado no Ocidente ao masculino.

Já o Animus pode se manifestar em quatro expressões que deveriam traduzir o princípio grego do Logos, da consciência, portanto. Seriam eles: a força, ou vontade dirigida; o ato, configurado pela ação; o verbo, ou expressão; e o sentido, ou o significado (JUNG, E., 2006, p 17). Assim, as imagens do Animus podem incorporar características dessas quatro expressões, seja em sonhos, fantasias, contos de fada, mitos ou sintomas.

São aspectos básicos das figuras heroicas, mas também das imagens espirituais, racionais e de conhecimento, e podem ser projetadas em professores, mentores, guias religiosos e políticos, cientistas e até mesmo em instituições, como as cortes ou os parlamentos.

As projeções de Anima e Animus provavelmente não representam algum tipo de problema grave em sociedades ou coletivos humanos nos quais há equilíbrio entre a polaridade masculino-feminino. A questão surge quando há um processo histórico e coletivo de repressão e desvalorização das características conectadas a um dos polos, levando a uma unilateralidade que sufoca as expressões de um dos lados, considerando-as sempre,

e por definição, inferiores. O próprio Jung leva esse tópico em consideração ao mencionar a unilateralidade da mentalidade patriarcal vigente há muitos milênios nas sociedades e advogar pelo trabalho consciente com a Anima por parte dos homens (COLONNA, 1980, p.332).

O problema, portanto, é que vivemos em uma ordem “excessivamente polarizada nos valores do masculino”, que “chegou ao seu ponto de saturação e iminente colapso” (CAVALCANTI, 1993, p.10). A autora defende que o feminino precisa ser resgatado, pois “a orientação da cultura no Ocidente tomou uma direção exacerbadamente masculina, em desfavor do feminino” (CAVALCANTI, 1993, p.15), conforme comprovam os exemplos e os números trazidos na Introdução deste trabalho. Fernandes (2020) também argumenta nesta linha, apontando o complexo de inferioridade masculino e a relação conturbada dos homens contemporâneos com a Anima como uma das causas para o altíssimo índice de violência contra as mulheres no Brasil e no mundo.

3 I REPRESENTAÇÕES SIMBÓLICAS DO FEMININO NA ASTROLOGIA

Depois da apresentação de alguns conceitos básicos da Teoria Junguiana, este item aborda a simbologia astrológica do feminino, relacionando tais imagens com os conceitos junguianos. O foco é a discussão sobre as formas como tais símbolos aparecem na linguagem astrológica e como eles podem ajudar os clientes a ampliar seu autoconhecimento sobre a relação entre feminino/masculino.

Cavalcanti afirma que tanto homens, quanto mulheres, perderam seu contato psíquico com o princípio feminino. Para ela, esses princípios psíquicos não estão relacionados apenas à identificação sexual ou de gênero, mas podem ser vividos ou negados psiquicamente por todos os seres humanos (1993, p.21). Concordando com a argumentação de Jung, a autora considera que temos os dois princípios em nós, ainda que um deles possa ser reprimido e relegado ao inconsciente.

Masculino e feminino são modos de existir, de estar presente no mundo, de percepção e de relação com a vida, com o outro, consigo mesmo, e com o universo como totalidade. Masculino e feminino é um ser e estar em relação.

Masculino e feminino são polaridades psíquicas que se complementam para uma percepção mais rica do mundo. No entanto, têm naturezas e orientações diferentes. Estar no mundo, perceber e se relacionar com este mundo pode ter uma direção mais solar = masculina, ou mais lunar = feminina, uma natureza mais ctônica ou mais celeste, uma expressão mais *yin* ou mais *yang*, uma qualidade mais produtiva ou mais receptiva. (CAVALCANTI, 1993, p.21)

Assim, os símbolos do masculino e do feminino falam de uma dinâmica complementar em todos nós, ainda que especifiquem um dos dois lados com mais detalhes. Mas o que é um símbolo dentro da Teoria Junguiana? Jung entendia o símbolo como “uma imagem que descreve da melhor maneira possível a natureza do espírito obscuramente pressentida”

(JUNG, OC 8/2, 2014a, p.352), isto é, algo que não pode ser totalmente conhecido, nas palavras de Hopcke (2012, p. 40). Como o próprio Jung explica, “um símbolo não define nem explica. Ele aponta para fora de si, para um significado obscuramente pressentido, que escapa ainda à nossa compreensão e não poderia ser expresso adequadamente nas palavras de nossa linguagem atual” (JUNG, OC 8/2, 2014a, p.352).

O símbolo nos ajudaria, portanto, a transcender nosso estado consciente, concebendo algo que está além da própria compreensão humana. Em outras palavras, “expressões do desconhecido e talvez do incognoscível, os símbolos constituem a linguagem do inconsciente” (HOPCKE, 2012, p.41). “Como representações, os símbolos são as manifestações dos arquétipos neste mundo, as imagens concretas, detalhadas e experimentais que expressam constelações arquetípicas de sentido e emoção” (HOPCKE, 2012, p. 40).

Um ponto interessante é que a força das emoções conectadas às projeções motivadas pelos símbolos e, portanto, pelos arquétipos é tão grande que, muitas vezes, não permite reduzir as perturbações que sofrem os sujeitos a causas puramente pessoais. “Considero isso um atrevimento perigoso”, afirma Jung (OC 9/1, 2014b, p.56). Assim, o autor reflete que se a neurose “causa um estado de certo modo prejudicial num número relativamente grande de indivíduos, somos obrigados a constatar a presença de arquétipos” (JUNG, OC 9/1, 2014b, p.56). Nesse sentido, se “na maioria dos casos as neuroses não são apenas fenômenos particulares, mas sim *sociais*, devemos admitir geralmente a presença de arquétipos” (JUNG, OC 9/1, 2014b p.56 – grifo no original).

Os números sobre a violência contra a mulher citados acima já serviriam como alertas para uma situação visível de desequilíbrio entre os princípios masculino e feminino em nossa sociedade. Mas não são tanto as estatísticas que nos interessam, quanto uma análise do significado de tal contexto para nossos processos psíquicos.

Quando pensamos em termos biológicos sobre a concepção humana, percebemos que antes de sermos um ovo, um embrião, um feto e mesmo uma criança, já fomos separados, já fomos dois: um óvulo e um espermatozoide. Em algum momento, para começar a nossa existência biológica, houve a fusão entre o princípio masculino e o princípio feminino. Enquanto o masculino/espermatozoide traz em si a competição em busca de um alvo, em busca de um objetivo, e se guia por estímulos bioquímicos enviados pelo alvo, o feminino/óvulo traz em si experiências muito antigas, desde a sua formação dentro de um feto feminino com três meses de idade de vida intrauterina na barriga de nossas avós. Nesse sentido, esse óvulo que eu já fui carrega a história da minha avó, porque já fui formada como um óvulo da minha mãe quando ela era apenas um feto dentro da sua própria mãe (MAGALDI, W. 2020).

Essas diferenças instintivas ou biológicas acabaram sendo transpostas simbolicamente no coletivo de diferentes formas ao longo da história humana. Colonna (1980) destaca que o fato natural de que as fases da Lua refletem a luz solar foi

simbolicamente adotado como expressão da inferioridade do feminino pela cultura patriarcal, que assumiu como valor a submissão da Lua ao Sol, identificado como “um símbolo positivo da consciência masculina” (1980, p.335).

Em muitas culturas, mas não em todas, o arquétipo do Feminino é representado pela Lua, relacionando-se com a terra, com a mãe, enquanto o Masculino é representado pelo Sol e associado ao céu e ao pai (CAVALCANTI, 1993). Essa simbologia básica também é adotada na Astrologia Ocidental, para a qual o Sol é associado ao masculino e ao pai, enquanto a Lua representa o feminino e a mãe⁵. Greene refere-se ao Sol e Lua como “um duo de macho e fêmea no mapa de nascimento, simbolizando a polaridade macho/fêmea em cada indivíduo, e a tensão implícita entre eles” (1997, p.39). Em uma leitura junguiana dos símbolos astrológicos, podemos considerar que a posição e os aspectos do Sol no Mapa Natal descrevem como o Complexo Paterno se expressa naquela pessoa, enquanto a Lua e seus posicionamentos mostra o funcionamento do Complexo Materno. Como recomenda Dione, “procurem a Lua em seus mapas e encontrarão a mãe (...). Ela lhes mostrará o que é seguro e adequado fazer porque essa área da vida sugere proteção, conforto e segurança” (1990, p.63). Greene explica em detalhes:

Esses opostos abrangem tudo, desde o sublime até o ridículo: o Sol não apenas indica, de forma muito ampla e profunda, o caminho do indivíduo em relação à plenitude, mas também diz algo sobre a imagem que ele vai projetar para a multidão; e a Lua não apenas indica o caminho pelo qual o indivíduo pode restabelecer o contato com a vida da natureza que está nas raízes do seu ser, mas também diz alguma coisa sobre a forma como ele mantém sua casa e o tipo de hábitos pessoais que manifesta. (...) (GREENE, 1997, p.39)⁶

Por outro lado, a luz e a claridade trazidas pelo Sol associam-se com o princípio do Logos, da razão, da consciência “que analisa, discrimina, estabelece regras e leis” (CAVALCANTI, 1993, p. 24). Assim, o masculino é a Ordem, o Cosmos, a direção. Pode ser ainda o poder fálico, organizador, separador, conceitual, executivo, racional, regulador, histórico, previsível (CAVALCANTI, 1993). Características que Jung associa à consciência, discriminadora e orientada por Cronos, o tempo organizado racionalmente que visa o poder e a realização. Astrologicamente, o “sol como uma entidade isolada poderá indicar o melhor caminho disponível. Simplificando, ele mostra nossos talentos, nosso lado criativo que, se for desenvolvido, reluzirá como o próprio Sol” (DIONE, 1990, p.61).

Já o Feminino representado pela Lua, por oposição, foi associado ao Inconsciente, à natureza, ao instinto, à intuição. É um “princípio não-conceitual, obscuro, inexato, imprevisível, irregular, irracional, atemporal. Possui ritmo e natureza próprios, difíceis de definir porque escapam a toda tentativa de conceituação” (CAVALCANTI, 1993, p.25). O

5 Na linguagem astrológica, Sol e Lua são considerados planetas, ou luminares, para alguns autores.

6 Interessante destacar que Liz Greene considera que o Sol representa a consciência no mapa de um homem, enquanto a Lua representa o inconsciente. Porém, o contrário ocorreria em mapas de mulheres: Lua simbolizando a consciência e o Sol, o inconsciente (GREENE, 1997, p. 40). Esse posicionamento, contudo, não é compartilhado por outros astrólogos e a própria autora afirma que pode haver exceções a essa regra.

feminino traz como características a fertilidade, a receptividade, a criatividade, o acolhimento, a nutrição, pois se refere ao princípio do Eros, que direciona para o relacionamento, para a união, para a conjunção, e não para a separação ou discriminação, como faz o Logos (CAVALCANTI, 1993). Um princípio orientado por Kairós, o tempo da paciência e dos ciclos naturais de vida e morte.

Como mencionado anteriormente, nossa relação com o Inconsciente Coletivo é sempre indireta, por meio do Inconsciente Pessoal que gera as vivências, experiências e imagens arquetípicas a partir de um processo de adaptação ao mundo exterior e interior. Jung ressalta que criamos uma fantasia sobre esses padrões arquetípicos, distanciando-nos mais ainda dessas imagens sagradas. Dentro do próprio simbolismo astrológico, a Lua é vista como uma contraparte do Sol, que apenas reflete o seu brilho, mas não produz luz. Em certo sentido, a Lua já representa, em si mesma, uma sombra solar, e os eclipses são eventos astronômicos carregados de simbolismo, até hoje, exatamente porque “apagam” a luz dos luminares⁷, isto é, os deixam na sombra, no escuro. Ou, em termos junguianos, na inconsciência. A saída para nos reaproximarmos das imagens arquetípicas, segundo Jung, é criar um altar para elas, um espaço sagrado controlado para que possamos nos relacionar com esses núcleos dos complexos psíquicos que nos assaltam, e dialogar com elas.

A Astrologia cria exatamente esse espaço sagrado controlado para entrar em contato com esses complexos internos, os antigos Deuses, para que possamos reconhecer Júpiter, Juno, Diana, Vênus, Saturno, Marte, Plutão, etc. dentro de nós mesmos. E ao mesmo tempo objetificando – ou projetando – essas relações em algo externo: os planetas, a fim de que possamos lidar com a enormidade, com a carga afetiva e com a numinosidade das imagens arquetípicas que nos habitam. Como conceitua Hamaker-Zondag:

Estes padrões de comportamento mentais e emocionais e os motivos por trás deles são simbolizados na astrologia pelo Sol, Lua e planetas. Cada planeta é o símbolo de um conjunto específico de demandas, vontades, necessidades e desejos que se encontram dentro de todos os homens. Cada planeta está sempre presente no horóscopo natal e cada arquétipo está seguramente alojado no nosso inconsciente coletivo. Em consequência, nós somos todos motivados pelos mesmos conteúdos arquetípicos, com a condição de que os arquétipos que comandam a aparência psicológica total são decididos pela específica configuração dos planetas no nascimento. (HAMAKER-ZONDAG, 1990, p.32 – tradução nossa⁸)

A partir do desenvolvimento da Astrologia Psicológica como um instrumento de autoconhecimento por autores como Arroyo (1993), Dione (1990), Hamaker-Zondag (1990),

7 Sol e Lua são definidos como Luminares na Astrologia por serem os corpos celestes que, antes da observação astrológica científica, eram considerados dotados de luz.

8 “These mental and emotional behaviour patterns and the motives behind them are symbolized in astrology by the sun, moon and planets. Each planet is the symbol of a specific set of wants, needs, wishes and desires to be found inside all men. Each planet is always present in the natal horoscope and each archetype is securely lodged in our collective unconscious. In consequence, we are all motivated by the same archetypal contents, with the proviso that the archetypes which rule in the total psychological make-up are decided by the specific configuration of the planets at birth.”

Greene (1997), Howell (1997) e Worthington (2017), para citar alguns, é possível entender a leitura de um Mapa Natal como um processo de esclarecimento do cliente sobre os símbolos psicológicos contidos no momento de seu nascimento. O próprio Jung, ao definir a sincronicidade como uma “coincidência significativa”, uma “conexão acausal, natural” (OC 8/3, 2014c, p.18), dentro de um processo de simultaneidade ou de “relatividade psíquica de tempo e espaço” (OC 8/3, 2014c, p.26), cria uma explicação para o funcionamento simbólico da Astrologia. Nesse sentido, a Astrologia seria um tipo de conhecimento tradicional pautado por explicações não-causais dos fenômenos que analisa, uma vez que a sincronicidade tem “menos a ver com o aspecto material dos acontecimentos do que com seu aspecto psíquico” (JUNG, OC 8/3, 2014c, p.93), o que nos remete para uma definição da Astrologia como “linguagem psíquica”, mais do que como técnica de predição.

A menção de Jung à contemporaneidade, isto é, uma coincidência no tempo que não se expressa por uma relação de causa e efeito como base do conceito de sincronicidade é o eixo da compreensão do simbolismo astrológico, permitindo fugir das explicações deterministas da astrologia tradicional. “Por causa do caráter desta simultaneidade, escolhi o termo *sincronicidade* para designar um fator hipotético de explicação equivalente à causalidade” (JUNG, OC 8/3, 2014c, p.28 – grifo no original). O conceito de sincronicidade como explicação não causal para fatos que ocorrem, aparentemente, ao mesmo tempo, é elaborado por Jung a partir de um debate dele com importantes físicos teóricos contemporâneos seus, como Albert Einstein e Wolfgang Pauli. Em seus estudos, Jung conclui que alguns fenômenos de sincronicidade estavam ligados, ou pareciam estar, aos arquétipos (JUNG, OC 8/3, 2014c), como é o caso da Astrologia.

A partir dessa coincidência significativa, ou dessa projeção de conteúdos psíquicos em objetos externos, podemos analisar a importância simbólica da leitura astrológica como ferramenta de autoconhecimento. Vejamos no próximo item como a dinâmica entre feminino e masculino se expressa em outros símbolos astrológicos.

3.1 Relacionamentos Afetivos e Símbolos Astrológicos

Outro par interessante de símbolos que fala da dinâmica entre feminino e masculino é representado pelos planetas Vênus e Marte, nomeados em homenagem aos deuses romanos por sua vez adaptados dos deuses gregos Afrodite e Ares. Sendo a Deusa do Amor e o Deus da Guerra, respectivamente, Vênus e Marte falam da dinâmica afetiva e sexual que desenvolvemos ao longo da vida. Na leitura astrológica, Vênus é basicamente nosso sentido de valores, aquilo que buscamos atrair para ter conforto, prazer, segurança e satisfação física, emocional e psíquica. Marte, por sua vez, é o nosso sentido de ação, de atitude e de conquista, nosso desejo e nossa vontade direcionada para alvos e objetivos, sejam físicos, materiais, mentais, emocionais ou sexuais. Os dois astros e seus posicionamentos na Carta Natal são usados para ampliar a compreensão da dinâmica relacional dos clientes.

Conforme a mitologia grega, apesar de bastante opositos em suas características, Afrodite e Ares eram um par ardente, que escandalizou aos demais deuses quando flagrado cometendo adultério pelo próprio marido dela, Hefesto. Desse relacionamento fora dos padrões convencionais exigidos dos humanos nasceram Fobos (Medo), Deimos (Pavor) e Harmonia. Interessante perceber, portanto, que a lógica de união entre o par de opositos feminino/masculino pode gerar sentimentos usualmente considerados negativos – ainda que bastante úteis em determinadas situações –, como o medo e até mesmo o pavor, mas, paradoxalmente, também a harmonia, ou seja, o equilíbrio entre essas energias diametralmente diferentes.

Astrologicamente, há dois símbolos planetários relacionados diretamente ao feminino: Lua e Vênus. Enquanto a Lua fala do nosso complexo materno, da nossa capacidade de acolher, cuidar e criar, Vênus traz a dinâmica dos valores próprios, do prazer, do amor e da sedução, não apenas sexual, mas afetiva e emocional. Todos os demais corpos celestes tradicionalmente incluídos na leitura dos mapas são, convencionalmente, identificados com o masculino: Sol, Marte, Júpiter, Saturno, Urano, Netuno e Plutão, ainda que em uma leitura psicológica se refiram a capacidades humanas e dimensões psíquicas que todos nós temos. Mercúrio, ainda que um pouco mais ambíguo e considerado um Deus androgino em boa parte da tradição mitológica, também é lido de forma geral como uma imagem do masculino. Ou, se quisermos, como uma característica tradicionalmente pertencente ao masculino.

Dione (1990) considera que os posicionamentos de Lua e Vênus em um mapa masculino indicam “o potencial de crescimento através da anima” (DIONE, 1990, p.64), isto é, “as qualidades criadas por esses dois planetas em virtude de suas posições no mapa formam o elemento feminino no homem” (DIONE, 1990, p.64). Nesse sentido, as características do signo e da casa onde estes planetas estão localizados podem expressar aspectos positivos ou negativos da Anima, assim como no mapa de uma mulher o Animus pode ser melhor compreendido quando se analisam os posicionamentos de Sol e Marte (DIONE, 1990, p.62). Como contrapartes inconscientes da Persona, Anima e Animus tendem a se “personificar” segundo o autor, assemelhando-se a “pequenas personalidades” que projetamos nos outros, em geral, ou que nos aparecem em sonhos (DIONE, 1990, p. 23).

Liz Greene (1997) vai na mesma direção, relacionando Sol, Lua, Vênus e Marte como os quatro planetas de relacionamento, importantes para compreensão das motivações inconscientes dos sujeitos, que conformam seus “parceiros invisíveis”. Além disso, os próprios signos do Zodíaco exibem uma essência complementar entre os pares de opositos, funcionando como eixos de características que podem funcionar na luz (consciência) e na sombra (inconsciência). A autora utiliza ainda os conceitos de Anima e Animus como base para sua explicação dos padrões de relacionamento que vivenciamos, relacionando tais conceitos com os elementos (ou funções psíquicas). Assim, tanto Anima quanto Animus

têm quatro imagens básicas que podem se expressar com maior ou menor ênfase nos mapas das nascimentos e, portanto, na psique dos indivíduos.

A Mãe, como figura da anima, é uma criatura da água; ela é, com mais frequência, a imagem que persegue o homem pensativo, de ar. A Hetaira, uma criatura de ar, é frequentemente a imagem feminina inconsciente do homem de água, orientado para os sentimentos. A Amazona, criatura de terra, pode dominar as fantasias do homem intuitivo; e a Médium, uma corporificação do fogo intuitivo, é a típica Musa do homem ligado à terra, orientado para a sensação. Da mesma forma, o Pai, que é de água, pertence à mulher de ar; o Puer, de ar, pertence ao tipo de mulher maternal, de água; o Herói, de terra, pertence à mulher intuitiva; e o Sábio, de fogo, à trabalhadora mulher da sensação. Novamente, estas são supersimplificações, mas devem proporcionar material para se pensar e para a investigação individual. (GREENE, 1997, p.123)

Obviamente, sendo a Astrologia um conhecimento que se desenvolve ao longo de milênios a partir das influências de diversas civilizações – egípcios, babilônicos, persas, chineses, gregos, romanos, hindus etc. – ela carrega em si todas as contradições das experiências humanas com as imagens arquetípicas. Não estranha, portanto, a ênfase dada às imagens arquetípicas do masculino em detrimento do feminino, uma vez que estamos falando de civilizações onde a regra patriarcal foi desenvolvida em maior ou menor grau.

Contemporaneamente, a influência do pensamento de Jung na vertente da Astrologia Psicológica se faz ainda mais presente. Além de Greene (1997) e Dione (1990), também Hamaker-Zondag (1990) enfatiza os elementos do signo de localização dos planetas, que indicam uma das quatro funções psicológicas identificadas por Jung: Fogo – Intuição, Terra – Sensação, Ar – Pensamento e Água – Sentimento, uma correlação bastante comum na astrologia contemporânea. As últimas décadas trouxeram o esforço de pesquisadoras, terapeutas e astrólogas, em sua maioria, para incluir na leitura astrológica símbolos que falem mais diretamente do feminino (GRAVELAINE, 1985; GEORGE; BLOCH, 2003⁹; JAY, 2010; LISBOA, 2013). Ou, pelo menos, de relacionar as imagens arquetípicas do masculino com suas correspondências complementares do feminino, dando ênfase aos pares divinos que conformam a mitologia e nossa própria psique, como apontou Jung.

Entre essas imagens recentemente incluídas no estudo e na interpretação astrológica, Lilith sobressai por ser calculada a partir da trajetória lunar, mostrando o ponto focal vazio da elíptica que a Lua descreve em torno da Terra quando atinge o seu apogeu, ou seja, quando está mais distante do nosso planeta. Durante algum tempo especulou-se sobre sua existência real como um planeta, asteroide ou um segundo satélite natural da Terra, mas as observações astronômicas do Século XX confirmaram que não há provas materiais que ela tenha existido fisicamente. Mais ou menos na mesma época (1927), um

9 Demetra George, astróloga estado-unidense, trabalha ainda com os quatro primeiros asteroïdes descobertos no começo do século XIX e que foram nomeados em homenagem a deusas olimpianas: Ceres, Juno, Vesta e Pallas Atena. Para quem desejar mais informações a respeito, sugiro consultar George e Bloch, 2003.

asteroide localizado no cinturão entre Marte e Júpiter foi nomeado de Lilith, mas quando falamos de Lilith – Lua Negra na astrologia, não é a ele que nos referimos. Não sendo um corpo celeste, mas a expressão de uma relação entre dois corpos celestes simbolicamente identificados com o feminino – a Terra e a Lua, representadas entre os gregos por Gaia e Ártemis –, Lilith torna-se ainda mais interessante como uma ideia astrológica que toma corpo apenas na segunda metade do Século XX, ainda que já existisse na mitologia de vários povos há muitos milênios.

Colonna (1980) destaca que a realidade psíquica de Lilith, que projetamos em um ponto no céu chamado de Lua Negra, calculado a partir da trajetória da Lua, é parte da dinâmica entre os princípios do masculino e feminino. Assim, um importante aspecto do problema para as mulheres é que “os homens, confrontando-as de outra polaridade, geralmente o fazem de um ponto de vista influenciado por sua própria esfera feminina inconsciente, a Anima” (COLONNA, 1980. p.332). Em outras palavras, a imagem que os homens constroem das mulheres tem a ver com aspectos de sua Sombra, da mesma forma como a Lua Negra representa aspectos sombrios, não aceitos, da Lua¹⁰.

É interessante o que diz Jacobs ao considerar que a repressão do feminino instintivo pelas culturas patriarcais, especialmente o Judaísmo e o Cristianismo, e seu princípio essencial de que o patrimônio deve ser herdado pela linhagem masculina provocou a nossa cisão interna, a difícil conciliação entre feminino e masculino dentro da psique, causando doenças e infelicidade (JACOBS, 2008, p. 20). É a essa conciliação que me refiro quando, juntamente com Jacobs, critico o estabelecimento, pela cultura patriarcal, dos princípios de que “um homem precisa saber com certeza quem são os seus filhos; a sexualidade e o corpo feminino precisam ser controlados; e a vida sexual das mulheres precisa estar, portanto, focada na procriação” (JACOBS, 2008, p. 24). Obviamente, assim como o autor, não defendo a substituição do patriarcalismo pelo matriarcalismo, ou algo que valha, mas acho que faz sentido a proposta dele de cura por meio da nossa reconexão interna com o selvagem representado por Lilith, através do respeito aos ciclos naturais do corpo e da natureza como um todo (JACOBS, 2008, p. 29).

4 | LILITH: UM CAMINHO PARA INTEGRAÇÃO

Depois da breve recuperação de alguns conceitos fundamentais de Jung e de sua conexão com o saber astrológico contemporâneo, é possível aprofundar o argumento sobre a necessidade de integração psíquica entre os princípios feminino e masculino como parte do nosso processo de autoconhecimento ou de individuação, como denomina Jung. Não é objetivo deste trabalho detalhar os conceitos de Anima ou Animus ou descrever como eles podem ser lidos astrológicamente, mas refletir sobre o paradoxo essencial entre feminino e masculino como opostos fundamentais da psique humana.

10 Esse ponto será abordado com mais detalhes no próximo item.

Também não interessa aqui tratar em detalhes como o símbolo de Lilith será trabalhado em homens, mulheres e indivíduos não binários a partir dos posicionamentos natais, mas de como essa relação entre feminino e masculino pode se estabelecer de forma consciente - integrada - por meio do trabalho com essa imagem arquetípica. Afinal, a forma como as dimensões Yin/Yang serão ativadas em cada momento da vida depende da pessoa, de suas características e do seu contexto relacional, familiar, social e cultural.

Como resume Greene,

Mas o Sol e a Lua são duas metades da mesma unidade, e ambos são necessários em seu lugar adequado. É a integração harmoniosa desses dois símbolos que os alquimistas descreviam na sua *coniunctio* ou casamento sagrado, e que nos contos de fadas é o final da história, o herói e sua amada vivendo felizes para sempre. (GREENE, 1997, p.40)

Em *Psicologia do Inconsciente* (OC 7/1, 2011), obra produzida durante a Primeira Guerra Mundial, e em *O eu e o inconsciente* (OC 7/2, 2015d), Jung discorre sobre a autonomia do inconsciente em relação à consciência, ou à sua parte que costumamos chamar de “eu”. Ao delimitar o seu conceito de “eu” como “uma espécie de complexo, o mais próximo e valorizado que conhecemos” (OC 7/2, 2015d, p.25), Jung afirma que esse núcleo é “o centro de nossas atenções e de nossos desejos, sendo o cerne indispensável da consciência” (2015d, p.25). O autor explica o que entende por consciência e aponta a vastidão do inconsciente em relação a ela: “É no inconsciente que mergulhamos todas as noites, e apenas em fases entre o dormir e o despertar é que temos uma consciência mais ou menos clara e, em certo sentido, bastante questionável quanto à sua clareza.” (JUNG, OC 7/2, 2015d, p.22).

Para Jung, portanto, a consciência “brota” do inconsciente (OC 7/1, 2015d, p.24), constituindo um “produto da percepção e orientação no mundo externo” (OC 7/1, 2015d, p.23). Nada pode ser consciente sem que haja relação com esse núcleo que reconhecemos como “eu”. Em outras palavras, a relação dos fatos psíquicos com o eu forma a consciência (OC 7/2, 2015d, p.25). Sendo assim, o processo de conscientização de tendências, características, atitudes, reações físicas, emoções, sentimentos e comportamentos próprios é uma forma de ampliar o nosso conhecimento de nós mesmos.

Esse processo de autoconhecimento pode ser auxiliado por várias técnicas, entre elas a leitura astrológica do mapa natal. Como explica Hamaker-Zondag (1990, p.22), todos os conceitos trabalhados na astrologia e os símbolos a eles correspondentes têm seus lados positivos e negativos, ou seja, uma polaridade complementar fundamental (antinomias), que foi descrita por Jung, aliás, como essencial na estruturação da psique humana. Assim, cada um dos símbolos pode ser percebido pelos clientes em sua chave luminosa, consciente, ou em sua chave sombria, inconsciente.

Essa dinâmica de autocompreensão e ampliação da consciência pode ser refletida na leitura astrológica de Lilith, símbolo cujas origens são bastante antigas e estão

conectadas com a própria origem da astrologia como conhecimento. Ao citar Lilith como o “irresistível demônio feminino da noite, de longos cabelos” que “sobrevoa as mitologias suméria, babilônia, assíria, cananeia, persa, hebraica, árabe e teutônica” (KOLTUV, 2017, p.13), Koltuv destaca que

As origens de Lilith ocultam-se num tempo anterior ao próprio tempo. Ela surgiu do caos. Embora existam muitos mitos acerca de seus primórdios, Lilith aparece nitidamente, em todos eles, como uma força contrária, um fator de equilíbrio, um peso contraposto à bondade e masculinidade de Deus, porém de igual grandeza. (KOLTUV, 2017, p.15)

4.1 Origens Mitológicas de Lilith

As duas imagens arquetípicas comumente associadas ao feminino no Mapa Astrológico são Lua e Vênus, que trazem dois aspectos que na antiguidade pertenciam à Grande Deusa: mãe e amante/esposa. Com o processo de repressão e negação do feminino realizado nas sociedades patriarcas, essas duas dimensões acabaram separadas em imagens distintas e, muitas vezes, consideradas opostas, social e culturalmente. Importante perceber ainda que, no geral, tais características são apresentadas de forma iluminada, isto é, conscientes e com um caráter socialmente positivo, em consonância com as expectativas sociais depositadas sobre as mulheres de serem boas parceiras e boas mães, garantindo a manutenção dos afetos e o equilíbrio emocional nos grupos humanos. Como já mencionamos, ao masculino e suas diferentes facetas são relacionados astrologicamente o Sol e outros sete planetas, o que mostra não apenas a diversidade de aspectos valorizados do masculino, mas também sua preponderância em relação ao feminino.

O símbolo de Lilith, contudo, faz referência a características integrantes do feminino que historicamente foram negadas, reprimidas e desvalorizadas, além de estigmatizadas. Se a Lua “representa o suporte emocional da pessoa, a base de seus sentimentos pessoais profundos, na verdade um receptáculo, bem semelhante ao inconsciente pessoal” (DIONE, 1990, p.63), Lilith faz referência à sua sombra ou, em alguma parte, a aspectos que não são apenas pessoais, mais ainda mais profundos na psique, dizendo respeito ao Inconsciente Coletivo, nos termos de Jung. E isso está representado no próprio cálculo desse ponto no céu, correspondente a uma sombra da Lua, um espaço vazio entre ela e a Terra.

Historicamente, Hurwitz (2012) destaca que o mito de Lilith faz parte da tradição judaica e também da suméria, assim como babilônica, mas somente entre os judeus durou tanto tempo e se manteve com tanta força. O autor esclarece que o arquétipo da Grande Fêmea inclui a grande mãe e a figura que Jung descreve como a Anima, isto é, a figura feminina inconsciente presente na psique de todos os homens. Lilith constitui essa imagem, por ser uma figura mitológica da deusa divina e sedutora dos homens e/ou matadora e sequestradora de crianças. Como esse mito se reflete na psique dos sujeitos

contemporâneos, traduz um problema universal segundo Hurwitz: a confrontação com o feminino sombrio ou inconsciente, considerado negativo e, portanto, proibido socialmente.

Mitologicamente, na tradição judaico-cristã, Lilith é a primeira mulher de Adão, anterior a Eva. Criada em conjunto no que ficou conhecido como “homem primordial”, Lilith era uma parte desse humano divino, isto é, a essência feminina desse ser que foi separada fisicamente dele por Deus. Interessante ainda esclarecer que o próprio Adão teria pedido pela separação, por se sentir solitário sendo uno e não poder ter relações sexuais como os outros animais. Por ter sido criada à imagem de Deus, assim como Adão, Lilith exigiu um tratamento igualitário e não teria aceitado ficar por baixo durante o coito. Adão, por sua vez, não aceitou a imposição dessas condições por ela, que, para fugir dessa situação de humilhação e submissão, foi para o deserto, onde se uniu a Lúcifer e passou a constituir um demônio ameaçador para a humanidade.

Ao longo do tempo, portanto, assim como no mito, Lilith foi perdendo seu caráter divino e integral e se tornando uma figura bipolar e sombria: a anima sedutora, por um lado, e a mãe terrível ou devoradora, por outro. Isso não era o comum nas mitologias antigas, nas quais os dois traços compunham a figura da deusa de uma forma mais integral no pensamento arcaico, em conjunto com suas dimensões positivas, ou conscientes, de companheira e mãe cuidadora.

Segundo Guttman e Johnson (2004), as origens do mito não têm a ver com a tradição greco-romana ou mesmo o Judaísmo, mas se estendem no passado até a Babilônia e a Suméria, onde Lilith era percebida como um espírito livre e que, de alguma forma, encarnava o feminino sombrio e belo, características que os hebreus veriam depois como “demoníacas” (GUTTMAN; JOHNSON, 2004, p.206). Assim também a tradição talmúdica-rabínica percebeu a figura de Lilith como perigosa, o que se conecta com a atitude patriarcal do Judaísmo de perceber o feminino como algo sempre ameaçador (HURWITZ, 2012, pos. 1644), especialmente quando ele demanda algum tipo de igualdade com o masculino ou liberdade das regras estabelecidas pelos homens. Como consequência, na tradição do Cristianismo e do Judaísmo, o feminino não foi apenas desvalorizado, mas demonizado a partir de uma atitude extremamente defensiva.

Sicuteri (1990) informa que o mito contém, resumidamente, todo o processo histórico de repressão das características atribuídas a esse feminino selvagem – ou, numa perspectiva psicológica, ao inconsciente profundo. Jay acrescenta que o nome de Lilith deriva da palavra hebraica “laylah”, que significa “noite” e representa o ponto escuro da órbita de nosso satélite brilhante, e também o lado sombrio da natureza humana (JAY, 2010, p.6). Como descreve Engelhard:

Lilith, portanto, está sempre se (re) atualizando na busca de reequilibrar, dentro do self cultural, os desvios unilaterais causados ao subjetivo, ao intuitivo, pela força repressora do dinamismo patriarcal. Ela irrompe como um vulcão, que lança suas lavas incandescentes e sua fumaça negra a grandes distâncias, causando espanto, abalo, sofrimento, medo e dor, provocando um

raro espetáculo de beleza e temor, mas também renovando, transformando e fertilizando o mundo ao seu redor, removendo o que oprime e paralisa (ENGELHARD, 1997, p. 30).

Se Lilith, como destaca Hurwitz (2012, pos. 2855), acaba provocando a separação entre o feminino (Shekhinah) e o divino, isto é, uma divisão entre mente e emoção (em termos psicológicos), nada mais natural que haja dificuldade na apreensão do significado cultural e interno do símbolo. De qualquer modo, a tarefa precisa ser realizada, como lembra Koltuv (2017 [1986]), pois o conhecimento do lado sombrio do feminino é necessário para o homem construir seu ego, criar uma fortaleza para sua consciência e personalidade. Apesar das críticas ao trabalho de Koltuv, Hurwitz concorda em uma questão essencial para a reflexão que faço neste trabalho: é preciso, de um ponto de vista psicológico, integrar parte dos conteúdos do símbolo de Lilith para que haja crescimento psíquico. Equiparando o símbolo ao conceito junguiano de Anima, ambos os autores afirmam a importância do processo de trazer Lilith à consciência, para integrá-la à experiência vivida. Porém, cabe ressaltar que numa visão mais contemporânea, a Anima e o Animus, como complexos arquetípicos, não têm gênero ou valor moral em si mesmos (AMARAL, 2020). Sendo psicopomos que nos conduzem ao relacionamento com o inconsciente coletivo presente em nós, essas duas forças arquetípicas demandam um diálogo constante com a nossa consciência para que possamos aproveitar essa energia como forma de aproximação com a nossa Alma, o que consiste no processo de individuação no vocabulário junguiano.

Em termos psicológicos, segundo Hurwitz, a Anima sempre tenta se aproximar dos homens, isto é, penetrar na consciência que ela sente que precisa absorvê-la. Somente assim, ao ser aceita por uma consciência receptiva e em prontidão, a Anima pode ser liberada e transformada. Quando o sujeito não consegue integrá-la à consciência, não há crescimento psíquico, e tanto consciente quanto inconsciente ficam estagnados. Lilith permanece instintiva e o homem aterrorizado de encontrá-la e ser dominado por ela (HURWITZ, 2012, pos. 4075-4107), o que pode acontecer na forma de projeção na parceira e nas outras mulheres, levando à misoginia, ao machismo e à violência direcionada contra as mulheres.

Como ressalta Koltuv, Lilith é o nível instintivo, primal de vida, o seu aspecto biológico, vital. É o aspecto terreno da feminilidade, natural, sexual, aquele estado pulsante e esfomeado que acomete as mulheres antes de sua menstruação, quando os hormônios “masculinos” estão no ápice (KOLTUV, 2017). Ela tem sua origem no caos, é uma força de contenção, um fator de equilíbrio, uma oposição e uma igualdade à bondade e à maldade divinas. De um ponto de vista mitológico, Lilith é a qualidade feminina rejeitada por Deus e expulsa dos céus. Os dois pares de opostos complementares são DeusShekhina, a dimensão consciente da relação entre masculino e feminino, e Diabo-Lilith, em sua dimensão sombria, isto é, inconsciente. Lilith é, portanto, a noiva do diabo. Para os homens, aparece como um demônio sedutor, enquanto as mulheres a experimentam como sua própria sombra

escura, casada com o demônio. Conhecer Lilith e seu consorte permite a integração da personalidade, do próprio SELF (KOLTUV, 2017). Em outros termos, sua energia deriva da diminuição da Lua e dos aspectos luminosos do feminino, de seu ressentimento, da noite (KOLTUV, 2017). Do inconsciente, submetido ao consciente que luta para reprimir e recalcar esses conteúdos instintivos presentes na psique.

Após o detalhamento das origens históricas do mito, Hurwitz prossegue em sua análise questionando o que este símbolo representa contemporaneamente. O que significa a confrontação com o feminino sombrio para as pessoas hoje em dia? (HURWITZ, 2012, pos. 4218). Por conta da supressão total desse mito ao longo dos tempos, pelas diversas culturas patriarcais, o autor afirma que os aspectos sombrios de Lilith foram tão enfatizados que ela não tem mais como ser integrada sem algum grau de terror. “A maioria de nós não consegue nem olhar para ela, quanto mais absorvê-la conscientemente” (HURWITZ, 2012, pos. 4075).

Sicuteri, em sua análise histórica do processo mitológico presente na figura de Lilith, destaca alguns motivos para a perseguição patriarcal ao feminino nas diferentes culturas e tradições. Segundo ele, seria impossível para os homens compreenderem esse aspecto da psique, uma vez que a feminilidade “conhece de dentro; quase nunca a partir de fora, pois traz em si, no próprio ventre — em sentido estrito e metafórico — a mais profunda experiência vital, e permanece numa perene, indissolúvel união com sua criatura” (SICUTERI, 1990, p. 61). Por conta da incompreensão masculina, a figura da bruxa e a perseguição a ela tiveram espaço em variadas épocas e sociedades.

Também Engelhard lembra que a Bruxa foi a mais “gritante” personificação de Lilith que o homem já criou, em um momento histórico — a Idade Média — em que os instintos naturais passaram a ser obsessiva e sanguinariamente reprimidos e perseguidos (ENGELHARD, 1997, p. 31). Segundo a autora, em concordância com Sicuteri, o mito de Lilith representa o nível mais antigo e primordial do arquétipo da relação homem-mulher, exatamente por trazer à tona elementos inconscientes e instintivos do humano.

Lilith é esta mulher da primeira vez, que cheia de saliva e sangue, assusta Adão. Esse sangue se relaciona ao aspecto fisiológico, vital, instintivo do ser feminino, o seu aspecto carnal, o sangue menstrual. É a sexualidade livre de tabus e proibições, que pode ser vivida mesmo durante o período menstrual. Quanto à saliva, é uma secreção erótica de caráter claramente sexual, que se extravasa no beijo profundo, essa troca espiritual, vital entre os seres (ENGELHARD, 1997, p. 32).

Segundo o argumento desses autores, assim como Koltuv, é necessário trazer Lilith à consciência por meio de perguntas, com o objetivo final de se manter longe da possessão por ela, pois sua supressão também pode ser devastadora para o indivíduo (KOLTUV, 2017). Afinal, prossegue Koltuv ao mencionar o mito bíblico, é a sabedoria salomônica que redime Lilith, espelhando o divino e o demoníaco feminino. Ela não pode ser expulsa, ela precisa ser chamada, conhecida e aceita conscientemente, pois é necessário que haja um

encontro completo entre as forças do masculino e do feminino na consciência (KOLTUV, 2017).

Como explica o próprio Jung:

Embora muitas vezes encontremos o animus e a anima inicialmente sob um aspecto negativo e antipático, contudo os dois estão bem longe de ser apenas uma espécie de espíritos malignos. Como já disse, eles apresentam também um aspecto positivo. Quer dizer: devido à sua força de sugestão positiva, numinosa, constituem as bases arquetípicas das divindades masculinas e femininas, em todas as épocas e lugares, e, por este motivo, exigem uma atenção particular, sobretudo por parte do psicólogo e, depois, de qualquer leigo dado à reflexão. Enquanto nūmens, o animus e a anima produzem ora o bem, ora o mal. O que os discrimina é a oposição dos sexos. Por este motivo, constituem sempre um par de opositos que não estão irremediavelmente separados por uma contradição lógica; em virtude da atração mútua própria desta polaridade, não somente ela promete uma unificação, como até mesmo a possibilidade. A coniunctio oppositorum foi objeto da especulação dos alquimistas, sob a figura das Núpcias Químicas, e também dos cabalistas, sob a figura de Tiferet e Malcut, ou de Deus e da Chequiná, para não aludirmos às núpcias do Cordeiro. (JUNG, OC 9/2, 2015a, p. 411)

Nesse ponto, Jung deixa clara sua percepção de que os opositos são, na verdade, complementares, ou seja, o inconsciente age de forma compensatória a quaisquer atitudes extremas da consciência. E se, aparentemente, formam uma oposição, tais aspectos da psique podem chegar a uma integração, a uma conjunção, para usar um termo astrológico. Não à toa o “motivo da Sizígia (conjunção)” ocupa tanto espaço na obra junguiana, constituindo o objetivo final da prática alquímica e do próprio processo de individuação e consistindo na união, no acasalamento, na conjunção de pares de opositos psíquicos (JUNG, OC 9/1, 2014b, p. 68).

4.2 Reconhecendo Lilith em nós

Tom Jacobs destaca que a energia feminina É, pois interessada, focada e concentrada em ser. “Traz a experiência por si mesma e conhece o mundo por si mesma”. Enquanto a energia masculina faz, uma vez que está interessada, focada e concentrada em controle e direção. Por isso, “dá forma à energia feminina” (JACOBS, 2008, p. 17). Dessa forma, o masculino observa o feminino como algo fora de controle, energia sem foco, improdutiva, e procura dar uma instrução, estrutura, disciplina e base para essa energia que simplesmente é (JACOBS, 2008).

Reconhecer a presença de Lilith na Carta Natal e trabalhar seu posicionamento e seus aspectos com os demais planetas é um exercício para facilitar a compreensão e o acesso consciente dos clientes às qualidades lunares ou femininas rejeitadas pelas culturas patriarcais, mas que continuam importantes para integração dos seres humanos com sua natureza primordial e instintiva. São elas: 1) consciência lunar (tempo de nascimento e

tempo de morte); 2) corpo, instintividade e sexualidade; 3) conhecimento interno profético e experiência acima da lógica ou da lei; 4) Deus como mãe-criadora, natureza divina e espiritual (KOLTUV, 2017, p.171-172). Nesse sentido, Lilith engloba os aspectos do feminino relegados à inconsciência e à sombra, constituintes, portanto, das imagens da Anima-Animus.

Astrologicamente, o signo onde a Lua Negra está mostra a estratégia da mãe daquela pessoa no mundo, a tonalidade, a nuance daquela mãe para a criança, especialmente durante a primeira infância. Até os sete anos, a estratégia da mãe é a mesma da criança, que está envolta no inconsciente familiar. O símbolo de Lilith relaciona-se, portanto, com a memória das sensações intrauterinas, com os talentos em estado bruto, com as sensações e afetos – traumáticos ou não – que tivemos antes de desenvolver a linguagem e o Ego. Ou seja, antes de começarmos o processo de diferenciação da nossa mãe como sujeitos independentes.

Esse posicionamento por signo e por casa dentro da mandala astrológica indica um ponto de frustração por onde a energia pode sair de forma descontrolada e imprevisível. Também representa um fator de inversão, isto é, as características esperadas daquele signo ou posicionamento podem se expressar de forma invertida, contrária, como se fossem realmente sua sombra. Segundo Jay, enquanto atribuímos à Lua os processos emocionais inconscientes e os sentimentos subjetivos, Lilith se conecta aos processos de raciocínio instintivo, uma forma de pensamento subjetivo com base na intuição (JAY, 2010, p.10). Nesse sentido, por representar o apogeu da Lua, isto é, seu ponto mais distante da Terra, Lilith, paradoxalmente, permite algum distanciamento e amadurecimento emocional quando bem utilizada.

Como um símbolo do Self social e coletivo, as demandas de Lilith em nossa vida são por um período de perspectiva impessoal. É para isso que ela ocupa a perspectiva mental, artística, produtiva socialmente, criativa ou vocacional. (...) Onde há imaturidade emocional (egoísmo) no caráter (na casa de Lilith), ela representa negação como uma disciplina. (JAY, 2010, p. 11)

Como resultado dessa imaturidade emocional, prossegue Jay (2010), podemos desenvolver sentimentos de inferioridade, de vitimização, medos cegos e fobias na área onde ela está. Lilith, portanto, pode mostrar um mecanismo de evasão ou recepção da energia vital; um ponto de acumulação de energias não utilizadas; e também um ponto de carisma inegável da pessoa. Em resumo, é um aspecto que indica como a pessoa pode atrair e seduzir os demais; como pode se relacionar com os outros, inclusive sexualmente; como pode fazer uso de habilidades e talentos não reconhecidos por ela ou pelos outros de forma útil à coletividade. Porém, Lilith também indica como a pessoa pode provocar sua própria rejeição, perseguição, isolamento e até mesmo situações violentas contra si mesma e os demais ao desafiar os preceitos morais vigentes.

A relação de Lilith com a energia sexual, sua expressão e as questões decorrentes disso são pontos comuns nas análises astrológicas. Guttman e Johnson traçam um histórico

do mito que remonta às suas origens sumérias, segundo as quais ela era um espírito que habitava um salgueiro, com um dragão a seus pés e um pássaro mítico em seus galhos (2004, p.208). Nesse sentido, Lilith habitava a Árvore da Vida, representando a própria energia da vida, o Cosmos, o Caos. No corpo humano, essa representação está muito próxima do que os orientais denominam de Kundalini, o sistema psíquico-energético que está alojado na base da coluna vertebral e está correlacionado com a energia sexual, ou com a libido em termos mais gerais (GUTTMAN; JOHNSON, 2004, p.208).

A narrativa mítica traz o simbolismo de um feminino exilado, que prefere a exclusão à submissão e à humilhação. Nas palavras de Lisboa, “lá estão as forças da negação, o desamparo e a travessia solitária pelos desertos da alma sofrida com a separação, a competição e a dominação. Ela é o exílio do feminino, da sua sexualidade e dos seus legítimos desejos” (LISBOA, 2013, p.583). Não admira, portanto, que Lilith também represente a devassidão, a crueldade e a destruição no mito, incorporando tais características em nós como forma de reação à rejeição e à separação. Segundo Lisboa, o signo, a casa e os aspectos de Lilith revelam “ferramentas libertárias e, ao mesmo tempo, potências represadas” (2013, p. 583) e tratam também de “separações, das rupturas, do desamparo, da ferida da exclusão, da sexualidade podada, das forças cruéis que impedem o exercício da liberdade de ser dono do seu corpo e do seu desejo” (LISBOA, 2013, p.583).

Como ressalta Jay (2010), o posicionamento de Lilith por signo e casa revela onde, por meio do que ou de quem, a objetividade emocional – ou sua falta – serão expressas. Nesse sentido, o trabalho com Lilith permite às mulheres e homens super identificados com aspectos do masculino – condição extremamente valorizada em sociedades machistas ou patriarcais e que possibilita, entre outras coisas, a liderança e o sucesso material e profissional – reconhecerem em si mesmos forças criativas e destrutivas que se relacionam com o nível instintivo e inconsciente de seus corpos, além de reconhecerem aquilo que lhes causa medo, paixão, frustração, furor, raiva e desespero. Em outras palavras, reconhecer a sua natureza, o que significa uma tentativa de recuperar a integralidade perdida a partir dos condicionamentos culturais.

Na medida em que a cultura se desenvolve, o ser originário bissexual torna-se símbolo da unidade da personalidade do si mesmo, em que o conflito entre os opostos se apazigua. Neste caminho, o ser originário torna-se a meta distante da autorrealização do ser humano, sendo que desde o início já fora uma projeção da totalidade inconsciente. A totalidade humana é constituída de uma união da personalidade consciente e inconsciente. Tal como todo indivíduo provém de genes masculinos e femininos e o seu sexo é determinado pela predominância de um ou outro dos genes, assim também na psique só a consciência, no caso do homem, tem um sinal masculino, ao passo que o inconsciente tem qualidade feminina. Na mulher, dá-se o contrário. Apenas redescobri e reformulei este fato na minha teoria da anima, que já há muito era conhecida. (JUNG, OC 9/1, 2014b, p.249)

Para recuperar a integralidade perdida, isto é, aproximar-se do Self, o Ego precisa se libertar da identificação estritamente corporal, do fascínio com a persona e da possessão dos complexos para sair da teia de uma existência voltada apenas para sobrevivência. De alguma forma, o Ego precisa estar submisso à necessidade evolutiva da Alma, precisa ser um missionário do processo de individuação, porque toda a mudança de padrão psíquico ou emocional passa pela consciência e pelo seu poder discricionário. Assim, precisamos reconhecer os pares de opostos que nos habitam, pois a nossa bipolaridade natural possibilita o reconhecimento da existência dos complexos, de uma sombra inconsciente e também do Ego, ele próprio um complexo essencial em sua função estruturante da consciência. Reconhecer os paradoxos que nos constituem, entre eles a nossa totalidade androgina e psicossomática, é uma etapa para o reconhecimento dos próprios instintos e de sua relação com a psique.

O instinto não é coisa isolada, nem pode ser isolado na prática. Ele sempre traz consigo conteúdos arquetípicos de caráter espiritual que, por um lado, o fundamentam e, por outro, o limitam. Em outras palavras, o instinto se apresenta sempre e inevitavelmente junto com uma espécie de visão de mundo, por mais arcaica, imprecisa e crepuscular que ela seja. O instinto nos dá o que pensar, e se não pensarmos nele livremente, então surgirá um pensamento compulsório, pois os dois polos da alma, o fisiológico e o espiritual, estão ligados um ao outro, indissoluvelmente. Por isso, não existe uma liberação unilateral do instinto, da mesma forma que o espírito, desligado da esfera instintual, está condenado ao ponto morto. Não se deve imaginar, contudo, que a sua ligação com a esfera instintual seja necessariamente harmoniosa. Muito pelo contrário, ela é cheia de conflitos e significa sofrimento. Eis por que o objetivo mais nobre da psicoterapia não é colocar o paciente num estado impossível de felicidade, mas sim possibilitar que adquira firmeza e paciência filosóficas para suportar o sofrimento. A totalidade, a plenitude da vida exigem um equilíbrio entre sofrimento e alegria. (JUNG, OC 16/1, 2013b, p.116)

Como o próprio Jung define, “é por causa de nossa cabeça lamentável que não podemos conceber corpo e psique como sendo uma única coisa” (2015a, p.49), o que significa que ambas as dimensões são necessárias no autoconhecimento: física e psíquica. Esse ponto me parece essencial para trabalhar com a simbologia de Lilith, que fala exatamente de uma dimensão corporal da experiência humana, profundamente conectada com a sexualidade e com a expressão dos nossos anseios, com o mais profundo em nós, com aquilo que é obscuro, inconfessável, aterrorizante para sujeitos criados em um contexto cultural de repressão e negação dos próprios desejos.

5 | CONCLUSÃO

Os seres humanos somos um conjunto formado por Corpo (soma), Alma (psique) e Espírito (pneuma). Dentro dessa totalidade formada por paradoxos, feminino e masculino remetem a conjuntos associativos que assumem vários significados para cada um de nós. Tais complexos associativos, conforme explica Jung, são acionados de diferentes modos

em nossa consciência, a partir das nossas experiências individuais, mas também familiares, sociais e culturais. Nesse sentido, não decidimos individualmente como esses conceitos serão acionados em nós, uma vez que a consciência em si mesma não tem uma qualidade feminina ou masculina.

Dito de outro modo, as características que socialmente são identificadas com o feminino e com o masculino aparecem projetadas em nossa consciência e formam conjuntos associativos de ideias, emoções e afetos que nos constituem. A questão é que tais características não estão nos objetos do mundo ou na consciência por si mesma, mas são atribuídos a ela e às coisas por nossa psique. Em certo sentido, as qualidades do mundo estão dentro de nós, se pensarmos que somos constituídos por imagens arquetípicas que se formam a partir de uma herança comum, de um padrão histórico que organiza a experiência do arquétipo em cada um de nós.

O confronto com Lilith pode fazer com que ela se transforme, ensina Hurwitz. O diálogo interno começa e Lilith perde um pouco da sua escuridão, compulsão e selvageria. De qualquer forma, a experiência consciente e a aceitação dos aspectos opostos de feminino e masculino – que estão na consciência e no inconsciente – contêm a possibilidade dessa integração, o que leva ao desenvolvimento de um processo de autorrealização, nas palavras do autor (HURWITZ, 2012). O ponto central, aqui, parece ser a necessidade de aceitação consciente da sombra, em suas faces feminina e masculina, para que as características sejam, ao menos, parcialmente integradas à psique e possam constituir o sujeito em sua totalidade.

É exatamente esse processo de reconexão, tanto com o mundo interno da psique, quanto com o mundo externo, o ponto mais importante para a reflexão sobre o símbolo de Lilith. Se os homens se casam com sua anima e as mulheres se casam com seu animus e grande parte dos relacionamentos ficam inviáveis assim que as projeções caem, algo que acontece inevitavelmente, entender as expectativas de um sobre o outro é a principal questão nas relações. Parte do trabalho terapêutico consiste em retirar as projeções sobre os outros, recuperando os conteúdos psíquicos que nos pertencem, o que só ocorre por meio do autoconhecimento. Entender que aquilo que buscamos no outro não é dele, mas do nosso inconsciente, que o Animus só existe dentro de nós, assim como a Anima, é um processo essencial de reconhecimento das nossas próprias capacidades, talentos, habilidades, defeitos, medos, vontades e desejos.

Nesse sentido, concordamos com Jung que “se o confronto com a sombra é obra do aprendiz, o confronto com a anima [e com o Animus, acrescento eu] é a obra-prima. A relação com a anima é outro teste de coragem, uma prova de fogo para as forças espirituais e morais do homem” (JUNG, OC 9/1, 2014b, p.49). Há um sentido moral nesse processo porque o seu resultado, muito provavelmente, contraria aquilo que gostaríamos de pensar sobre nós mesmos. Como ressalta Jung, a Anima “intensifica, exagera, falseia e mitologiza todas as relações emocionais com a profissão e pessoas de ambos os sexos”,

tornando o homem “excessivamente sensível, irritável, de humor instável, ciumento, vaidoso e desajustado” (JUNG, OC 9/1, 2014b, p.106). Não é preciso argumentar muito para perceber que entrar em contato com tais conteúdos será bastante desagradável para o Ego, muitas vezes. Da mesma forma, para as mulheres o contato com o Animus não é nada simples, pois envolve a admissão de que em seu interior existe um sujeito “rígido, cheio de princípios, legalista, dogmático, reformador do mundo, teórico, emaranhando-se em argumentos, polêmico, despótico” (JUNG, OC 9/1, 2014b, p.182)

Nesse sentido, o trabalho astrológico com o símbolo de Lilith pode nos ajudar a compreender e aceitar as dificuldades de relacionamento entre o feminino e o masculino em nós mesmos, admitindo sua presença, suas tensões e as frustrações que nos causa. Lilith, portanto, é um símbolo do movimento interno que precisamos realizar a fim de conviver melhor com as diferenças e tensões entre feminino e masculino dentro de nós, seja reconhecendo o feminino selvagem que nos habita, seja percebendo o quanto o nosso feminino se sente rejeitado, humilhado e submetido por um masculino desenfreado e opressor que projetamos nos outros e no mundo. Um esforço de união entre os opostos complementares que nos conformam para combater os processos dissociativos da contemporaneidade.

O esforço dos alquimistas em unir os opostos alcança o ponto culminante no “casamento alquímico”, que é o ato de união supremo a coroar a obra. Depois de superada a inimizade dos quatro elementos, ainda existe sempre a última e mais forte oposição, que os alquimistas não podiam exprimir mais acertadamente do que pelo relacionamento recíproco do masculino e do feminino. Ao estabelecer esta contraposição, pensa-se primeiro na força da paixão e do amor, que obriga os polos separados a se unirem, ao passo que se esquece a circunstância de que atração tão intensa somente é requerida onde existe a força oposta a separar as partes. (...) Se procurarmos conceber a natureza em sentido mais elevado como uma noção geral que abranja todos os fenômenos, veremos que um de seus aspectos é o físico e o outro o espiritual (pneumático). Desde a Antiguidade o primeiro deles é considerado o feminino e o segundo o masculino. A meta do primeiro é a união, mas o segundo tende para a distinção. Porque supervvalorizamos o aspecto físico, falta à nossa razão hoje em dia a orientação espiritual, isto é, o pneuma. (JUNG, OC 14/1, 2015c, p.171)

A leitura astrológica, em geral, pode servir como um acesso aos conteúdos inconscientes que nos habitam, projetados nos astros ou nos deuses que conformam toda a mitologia astrológica. Além disso, a aceitação e integração da imagem arquetípica de Lilith em nós é um caminho para aceitarmos a expressão livre da energia sexual nos outros, depois que passamos a admitir esse processo em nós mesmos. Assim, a integração dessa energia pode servir como uma oportunidade para travar um relacionamento mais produtivo com o feminino que nos habita, homens e mulheres, e, consequentemente, pode servir para que as relações humanas sejam mais espontâneas, autênticas, empáticas e respeitosas.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Cristiane Vianna. **Psicologia Junguiana na Contemporaneidade: uma leitura feminista dos conceitos Animus e Anima** no ensaio A Mulher na Europa. [Monografia] Especialização em Psicologia Junguiana. Instituto Junguiano de Ensino e Pesquisa (IJEP). Rio de Janeiro, 2020.

ARROYO, Stephen. **Astrologia, Psicologia e os Quatro Elementos**. São Paulo: Pensamento, 1993.

BERNARDES, Cristiane Brum. **Saturno & Lilith: Paradoxo essencial a serviço do desenvolvimento psíquico**. Blog Crônicas Uranianas. Publicado em: 17 jan. 2019. 2019a. Disponível em: <https://cronicasuranianas.com/2019/01/17/saturno-lilith-paradoxoessencial-a-servico-do-desenvolvimento-psiquico/>

BERNARDES, Cristiane Brum. **Confrontation and Empowerment: Expressions of Saturn & Lilith in Capricorn**. Site Astrodiest. Publicado em: jan. 2019b. Disponível em: https://www.astro.com/astrology/in_cnasaturnlilith_e.htm

BINS, Kim. Lilith: um símbolo da libertação da sexualidade feminina. In: De Franco, Clarissa; Souza, Maristela Reis (orgs.) **Astrologia, gênero e sexualidade: debates contemporâneos**. Rio de Janeiro: Telha, 2023.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 9ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

CAVALCANTI, Raissa. **O casamento do sol com a lua**. Uma visão simbólica do masculino e do feminino. 9ª ed. São Paulo: Cultrix, 1993.

COLLONA, M. T. Lilith, or the Black Moon. **The Journal of Analytical Psychology**. Vol. 25, Issue 4, Oct. 1980, p. 325-350.

COWAN, Lyn. **Dismantling the Animus**. Disponível em: <http://www.cgjungpage.org/learn/articles/analytical-psychology/105-dismantling-theanimus?showall=&start=2>. Acessado em: 6 mai.2021

DIONE, Arthur. **Jung e Astrologia. Uma interpretação dos mapas astrais segundo os arquétipos junguianos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

ENGELHARD, Suely. O renascer de Lilith. **Junguiana**. Revista Brasileira de Psicologia Analítica. N° 15, dez. 1997, p. 28-41.

FERNANDES, Anderson Antonio. **A Psicologia Junguiana Na Contemporaneidade: O feminicídio, a Anima e o complexo masculino de inferioridade**. [Monografia] Especialização em Psicologia Junguiana. Instituto Junguiano de Ensino e Pesquisa (IJEP). São Paulo, 2020.

FERREIRA, Erika Mendel. **A Psicologia Junguiana Na Contemporaneidade: Os Círculos de Mulheres e o Desenvolvimento da Intuição Feminina**. [Monografia] Especialização em Psicologia Junguiana. Instituto Junguiano de Ensino e Pesquisa (IJEP). Rio de Janeiro, 2020.

GEORGE, Demetra; BLOCH, Douglas. **Asteroid Goddesses**. 1st ed. Lake Worth/FL: Nicolas-Hays, 2003.

GRAVELAINE, Joëlle de. **Le Retour de Lilith. La Lune Noire**. Paris: L'Espace Bleu, 1985.

GREENE, Liz. **Relacionamentos. Guia astrológico para conviver com os outros num pequeno planeta**. São Paulo: Cultrix, 1997.

GUTTMAN, Ariel; JOHNSON, Kenneth. **Mythic Astrology Applied. Personal Healing through the Planets.** Saint Paul/Minnesota: Llewellyn Publications, 2004.

HAMAKER-ZONDAG, Karen. **Psychological Astrology. A synthesis of Jungian Psychology and Astrology.** Samuel Weiser: York Beach/Maine, 1990.

HILLMAN, James. **Anima. A psicologia arquetípica do lado feminino da Alma no homem e sua inferioridade na mulher.** São Paulo: Pensamento Cultrix, 2020.

HOPCKE, Robert H. **Guia para a Obra Completa de C.G. Jung.** 3^a ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2012.

HOWELL, Alice O. **O simbolismo Junguiano na Astrologia. Cartas de uma astróloga.** 10^a ed. São Paulo: Pensamento, 1997.

HURWITZ, Siegmund. **Lilith – The first Eve. Historical and Psychological Aspects of the Dark Feminine.** Zurich/ Switzerland: Daimon Verlag, 2012.

JACOBS, Tom. **Lilith: Healing the Wild.** GNU Free Documentation License, 2008.

JAY, Delphine Gloria. **Interpreting Lilith.** 2nd ed. Tempe/AZ: American Federation of Astrologers, 2010.

JUNG, Carl Gustav. **A energia psíquica.** OC 8/1. 14^a ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2013a.

JUNG, Carl Gustav. **A natureza da psique.** OC 8/2. Petrópolis/RJ: Vozes, 2014a.

JUNG, Carl Gustav. **A prática da psicoterapia: contribuições ao problema da psicoterapia e à psicologia da transferência.** Petrópolis. Vozes, 2013b.

JUNG, Carl Gustav. **A vida simbólica: escritos diversos.** OC 18/1. Petrópolis/RJ: Vozes, 2015a.

JUNG, Carl Gustav. **Aion – estudo sobre o simbolismo do si-mesmo.** OC 9/2. Petrópolis/RJ: Vozes, 2015b.

JUNG, Carl Gustav. **Interpretação Psicológica do Dogma da Trindade.** OC 11/2. Petrópolis/RJ: Vozes, 2013c.

JUNG, Carl Gustav. **Mysterium coniunctionis: pesquisas sobre a separação e a composição dos opostos psíquicos na alquimia.** Colaboração de Marie-Louise von Franz. Petrópolis/RJ: Vozes, 2015c.

JUNG, Carl Gustav. **O eu e o inconsciente.** OC 7/2. 27^a ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2015d.

JUNG, Carl Gustav. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo.** OC 9/1. Petrópolis/RJ: Vozes, 2014b.

JUNG, Carl Gustav. **Psicologia do Inconsciente.** OC 7/1. 19^a ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2011.

JUNG, Carl Gustav. **Resposta a Jó.** OC 11/4. Petrópolis/RJ: Vozes, 2013d.

JUNG, Carl Gustav. **Sincronicidade.** OC 8/3. 21^a ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2014c.

JUNG, Emma. **Animus e Anima**. São Paulo: Cultrix, 2006.

KOLTUV, Barbara Black. **O livro de Lilith. O resgate do lado sombrio do feminino universal**. 2^a ed. São Paulo: Cultrix, 2017.

LACERDA, Marina Basso. **O novo conservadorismo brasileiro**. Porto Alegre/RS: Zouk, 2019.

LISBOA, Cláudia. Os astros sempre nos acompanham. **Um manual de Astrologia contemporânea**. Rio de Janeiro: Best Seller, 2013.

LOPES, Shirley de Medeiros. **A Psicologia Junguiana Na Contemporaneidade: O Mito de Cassandra e a importância do retorno ao Sagrado Feminino no processo de individuação das mulheres**. [Monografia] Especialização em Psicologia Junguiana. Instituto Junguiano de Ensino e Pesquisa. Brasília: IJEP, 2020.

MAGALDI, Simone. **Anotações de aula. Aula virtual Anima e Animus**. Curso de Especialização em Psicologia Junguiana. IJEP, 12 de dezembro de 2020.

MAGALDI, Waldemar. **Anotações de aula. Aula virtual Fundamentos da Psicologia Junguiana**. Curso de Especialização em Psicologia Junguiana. IJEP, 8 de agosto de 2020.

NEUMANN, Erich. **Eros e Psiquê. Amor, Alma e Individuação no Desenvolvimento do Feminino**. 2^a ed. São Paulo: Cultrix, 2017.

NEUMANN, Erich. **O medo do feminino e outros ensaios sobre a psicologia feminina**. São Paulo: Paulus, 2000.

PESSANHA, Bárbara. **Lilith, uma análise junguiana** - Parte II. Disponível em: <https://www.ijep.com.br/index.php/artigos/show/lilith-uma-analise-junguiana-parte-ii> Acesso em: 02 jun. 2020.

PUWAR, Nirmal. **Space Invaders**. Race, Gender and Bodies out of Place. Oxford/UK: Berg, 2004.

ROWLAND, Susan. **Jung: A Feminist Revision**. Oxford/UK: Polity Press, 2002.

SICUTERI, Roberto. **Lilith – A Lua Negra**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

WORTHINGTON, Deborah Jean. **Jung na Contemporaneidade - A Astrologia no suporte ao processo terapêutico**. [Monografia]. Especialização em Psicologia Junguiana, Instituto Junguiano de Ensino e Pesquisa (IJEP). São Paulo, 2017.